

A PERSPECTIVA VARIACIONISTA NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS COMO SEGUNDA LÍNGUA

DOI: 10.29327/256526.6.1-6

*THE VARIATIONIST PERSPECTIVE IN THE TEACHING OF PORTUGUESE TO THE DEAF AS A SECOND LANGUAGE*Rosângela de Sousa Mencato¹

RESUMO

A história educacional dos surdos é marcada pela presença de estigmas relacionados à escrita do Português, pois os professores, em sua maioria, corrigem o texto do aluno surdo levando em consideração os aspectos gramaticais apenas da Língua Portuguesa. No entanto, o surdo ampara-se na sua L1 (Libras) para realizar essa escrita. Sendo assim, essa produção deve ser compreendida e avaliada considerando os aspectos gramaticais também da língua de sinais. Dessa forma, este trabalho tem o objetivo de levar os docentes a desmistificar o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita avaliada como “errada” no contexto educacional. Nessa perspectiva, este artigo irá proporcionar uma proposta metodológica por meio de uma sequência didática que proporcione ao aluno compreender algumas variações linguísticas presentes nas duas línguas, numa perspectiva Sociolinguística, na qual seja possível visualizar e compreender as diferenças nas estruturas sintáticas entre a Libras e o Português.

Palavras-chave: Proposta metodológica; Sociolinguística; Variações linguísticas; Educação de surdos.

ABSTRACT

The educational history of the deaf has always been marked by stigmas related to Portuguese writing. For the teachers, in short, correct the student's text taking into account the grammatical aspects only of the Portuguese language, however, the deaf rely on their L1 (Libras) to carry out this writing, so this production must be understood and evaluated considering the grammatical aspects of sign language as well, thus, this work aims to lead teachers to demystify the linguistic prejudice, which, in most cases, makes writing evaluated as “wrong” in the educational context. In this perspective, this article will provide a methodological proposal through a didactic sequence that allows the student to understand some linguistic variations present in both languages, in a sociolinguistic perspective, in which it is possible to visualize and understand the differences in syntactic structures between Libras and Portuguese.

Keywords: Methodological proposal; Sociolinguistics; Linguistic variations; Deaf education.

INTRODUÇÃO

Durante o percurso histórico educacional dos alunos surdos, ocorreu um processo estigmatizante acerca de questões relacionadas ao texto escrito desses alunos, que é corrigido levando-se em consideração os aspectos gramaticais apenas da Língua Portuguesa. No entanto, o surdo ampara-se na sua L1 (Libras) para realizar essa escrita. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de levar os

1 Mestranda da Pós-graduação Profissional em Linguística e Ensino – MPLE – da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, rosangela.mencato@academico.ufpb.br.

docentes a desmistificar o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita avaliada como “errada” no contexto educacional. Nessa perspectiva, este artigo irá proporcionar uma proposta metodológica que leve o aluno a compreender algumas variações linguísticas presentes no Português e na Libras, na perspectiva da Sociolinguística.

A sequência de atividades apresentada metodologicamente neste artigo irá caminhar em direção a práticas que explorem as perspectivas variacionistas diastrática – dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões, como as expressões idiomáticas – e diamésica – na qual serão abordadas as diferenças linguísticas e extralinguísticas entre a Libras e o Português escrito, desconstruindo a visão da normativa culta que classifica o texto escrito pelos surdos como errado.

Historicamente, desde 1880, quando Alexandre Graham Bell demonstrou no Congresso de Milão uma “superioridade” do método de ensino oral sobre o método de ensino para surdos, que se ampara nas línguas de sinais (método combinado/comunicação total/bimodalismo), a comunidade ouvinte busca desenfreadamente desvalorizar a cultura surda e a aprendizagem dos surdos, não levando em consideração que a modalidade bilíngue de ensino precisa ser considerada culturalmente e posta em prática nos ambientes educacionais e sociais, para que reduza as desigualdades comunicacionais entre a Libras e o Português e promova a inclusão.

Portanto, essa proposta tem o intuito de acabar com preconceitos linguísticos com relação à escrita de Língua Portuguesa por surdos, promovendo um trabalho que incentive o ensino de Português dentro de uma perspectiva variacionista, no qual seja possível visualizar e compreender as diferenças nas estruturas sintáticas entre a Libras e o Português na modalidade escrita (por estudantes surdos).

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter documental, irá apresentar e analisar uma sequência de atividades na perspectiva da Sociolinguística variacionista, para trabalhar o ensino de Português para surdos (na modalidade escrita) como uma segunda língua. Dessa forma, será apresentada, neste trabalho, uma proposta metodológica na qual, por meio da variação diamésica, tratar-se-á a respeito das diferenças linguísticas entre o Português escrito e a Libras. Num segundo momento dessa sequência, será abordada, por meio das expressões idiomáticas, a variação linguística diastrática, dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões e que se referem a grupos sociais intimamente ligados a questões relativas à faixa etária, à profissão, ao estrato social, entre outros fatores extralinguísticos. O objetivo aqui é levar os docentes a desmistificar o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita do texto surdo estigmatizada no contexto educacional, proporcionando uma proposta metodológica que leve o aluno a entender as variações linguísticas presentes no Português e na Libras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociolinguística surge da necessidade de estudos que relacionassem língua e sujeitos na perspectiva da fala (*parole*) e dos fatores extralinguísticos relacionados a ela. Essa área da Linguística ganha destaque e:

Em 1964, William Bright (1966, 1974) organizou, na Universidade de Los Angeles,

uma escola teórica dessa nova área de estudos e, juntamente com a colaboração de outros linguistas presentes, definiu a diversidade linguística como objeto de estudo da Sociolinguística. Segundo Monteiro (2000), Bright definiu os fatores condicionantes do fenômeno da diversidade linguística como aqueles ligados ao falante, ao destinatário, às suas identidades sociais e ao contexto em que se dá a comunicação, mas ainda deu à Sociolinguística um papel complementar, ou subordinado às três áreas que lhe deram origem: a Linguística, a Sociologia e a Antropologia (Etto & Carlos, 2017, p. 04).

Presente nesse encontro de linguistas promovido por Bright (1966, 1974), William Labov considerava a existência de um só tipo de linguística, a social, e achava não haver motivos para se destacar o caráter social da língua na denominação dessa nova área de estudos [...] (Labov, 2008 como citado em Etto & Carlos, 2017, p. 04).

Nesse contexto, a Sociolinguística Laboviana surge como uma herança dos estudos de Meillet, em que a variação é explicada apenas como uma ciência da linguagem social, dinâmica e por forças externas, ou seja, para Labov, todas as línguas apresentam primeiramente variações que desencadeiam cronologicamente mudanças graduais nas línguas. Os estudos de Labov afirmam que a língua é heterogênea, mas, para isso, é necessário considerar os fatores sociais, isto é, as diferenças entre as classes sociais e as populações regionais.

Labov foi um grande estudioso da Sociolinguística e, por meio de seus estudos, definiu e provou como os fatores sociais interferem na variação linguística. Observa-se, a seguir, um desses estudos.

Através de sua famosa dissertação de mestrado sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2008), realizado em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha localizada no estado americano de Massachussets, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas. (Etto & Carlos, 2017, p. 05).

Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos Yankees, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII (Etto & Carlos, 2017, p. 05).

Os habitantes da ilha pesquisada por Labov eram resistentes à presença de turistas do continente, pois temiam uma influência cultural e econômica. Por isso, acentuavam na fala a pronúncia desses ditongos como uma forma de manter intacta sua identidade cultural. Essa pesquisa de Labov também demonstrou a insatisfação dos nativos na utilização de uma variação mais próxima da norma linguística padrão.

A Sociolinguística de Labov, ou teoria da variação, ganhou destaque e discordou de outras teorias estruturalistas que consideram a língua como homogênea.

Labov critica a separação estabelecida por Saussure entre langue e parole e entre sincronia e diacronia, e também o fato de Saussure desconsiderar os fatores externos à língua ao defini-la como um sistema de signos que estabelecem relações entre si. Em última instância, Labov posiciona-se contra a primazia dos estudos imanentes da língua (Coelho et al, 2010, p. 21).

Nesse contexto, a teoria variacionista busca “[...] estudar as variações linguísticas, suas estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade, cobre a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica [...]” (Etto & Carlos, 2017, p. 06).

Sendo assim, essas formas de variação, ou seja, as diversas maneiras de se falar a mesma coisa, são nomeadas de **variantes linguísticas**. Já o conjunto dessas variantes é chamado de **variáveis linguísticas**. Essas variáveis podem ser classificadas em dependentes (estuda a concordância nominal) e independentes (influenciada por fatores linguísticos/estruturais ou extralinguísticos/sociais).

No entanto, algumas dessas variantes linguísticas são desprestigiadas e estigmatizadas por não estarem próximas à norma culta. Esse preconceito linguístico vem afetando determinadas comunidades linguísticas, principalmente as de classes sociais ou regiões menos favorecidas economicamente.

A Sociolinguística, que analisa e estuda toda diversidade linguística existente nas comunidades de fala, preconiza alguns tipos de variação linguística: I) Diacrônica (histórica) – estuda a variação linguística a partir de sua evolução histórica; II) Diatópica (regional) – estuda a variação linguística a partir das perspectivas geográficas ou de diferenças no espaço físico; III) Diastrática (social) – estuda a variação linguística que ocorre por conta da convivência entre grupos sociais; IV) Diamésica – estuda a variação linguística que acontece na relação entre a fala e a escrita ou entre gêneros textuais.

Pretende-se explorar, no presente trabalho, as perspectivas variacionistas diastrática – dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões, como as expressões idiomáticas – e diamésica – na qual serão abordadas as diferenças linguísticas e extralinguísticas entre a Libras e o Português escrito, desconstruindo a visão da normativa culta que classifica o texto escrito pelos surdos como errado. Para que estes não sejam estigmatizados quanto à aprendizagem do Português escrito, devemos considerar:

[...] que a diamésica é possível. O que irá contribuir nesse processo é fundamentalmente o nível de fluência do surdo na sua língua L1, no caso a Libras e sua escolarização na sua L2, o português escrito. Um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever), em uma língua diferente de sua língua nativa (MACNAMARA, 1967). Precisamos entender que, no caso do surdo, as competências seriam ler e escrever. O bilinguismo precisa ser aprendido/ensinado à comunidade surda, sendo necessário para tal uma política e um planejamento linguístico das escolas bilíngues (Silva, 2019, p. 05).

Portanto, será proposta uma sequência didática para surdos amparada no modelo filosófico bilíngue, em que a Libras irá favorecer o desenvolvimento de conceitos da Língua Portuguesa pelos surdos, numa proposta que respeita os condicionantes variacionistas linguísticos e extralinguísticos de cada língua.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste trabalho iremos apresentar uma sequência de atividades para promover o ensino de Português (na modalidade escrita) para surdos dentro de uma perspectiva variacionista e levando-se em conta que esse ensino deve ser aprendido dentro de uma proposta metodológica bilíngue. Esta proposta possui a finalidade de apresentar ao professor um caminho metodológico para conduzir a aprendizagem de seu estudante surdo, reduzindo as desigualdades comunicacionais entre a Libras e o Português e promovendo a inclusão.

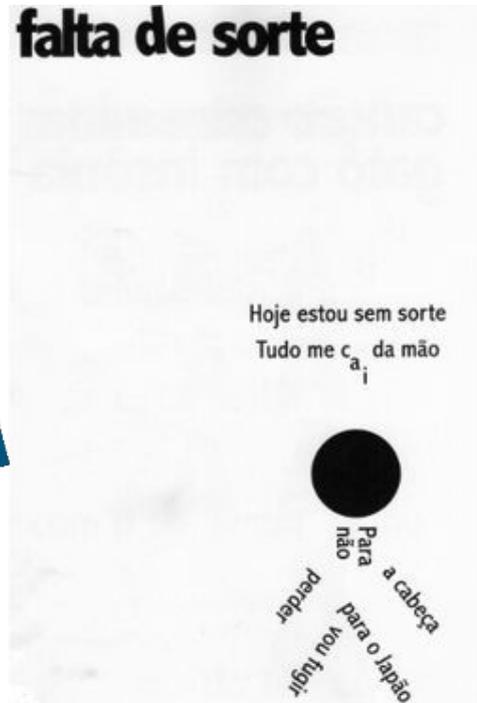
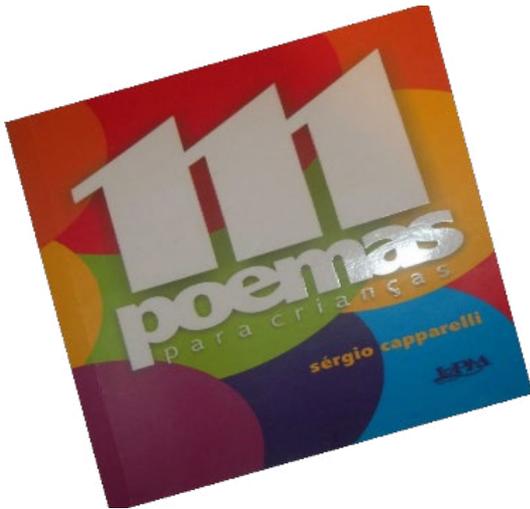
APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE ATIVIDADE NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Orientações acerca das propostas de atividades: Prezado professor, o ensino de Português para estudantes surdos deve contemplar uma proposta metodológica bilíngue, que acontece por meio da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna ou L1. Por sua vez, o ensino da Língua Portuguesa precisa vir numa modalidade escrita e numa perspectiva de aprendizagem de uma segunda língua (L2). Levando em consideração todas essas questões, apresentamos as propostas de atividades a seguir, em que o ensino de Português para surdos também vem na perspectiva da Sociolinguística Educacional. Buscamos, então, nessa proposta, trabalhar e entender o ensino de Português escrito para surdos numa perspectiva que compreendesse que o texto escrito desse surdo se ampara em sua L1, que é a Libras.

A Sociolinguística nos remete a conceitos importantes que analisam as atividades propostas não numa perspectiva de erro, mas, sim, de uma proposta variacionista, que leva em consideração as diferenças linguísticas de ambas as línguas (Libras e Português). Portanto, por meio da variação diamétrica, buscamos trabalhar com os alunos surdos as diferenças linguísticas entre o Português escrito e a Libras. Num segundo momento dessa sequência, trabalhamos as expressões idiomáticas, a variação linguística diastrática, dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões e que se referem a grupos sociais intimamente ligados a questões relativas à faixa etária, à profissão, ao estrato social, entre outros fatores extralinguísticos. Nosso objetivo aqui é desmistificar o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita do texto surdo estigmatizada no contexto educacional.

ATIVIDADE

1. LEIA O POEMA ABAIXO, DO AUTOR SÉRGIO CAPPARELLI.



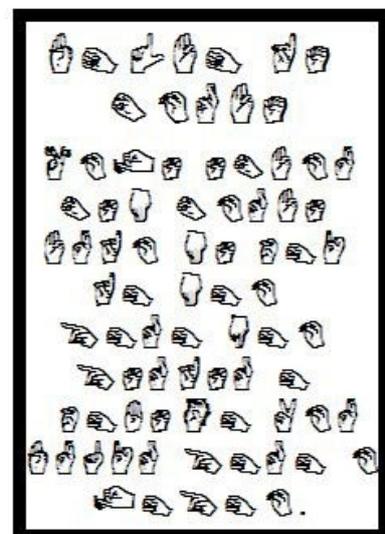
Orientação ao professor: Pretende-se, com essa leitura, fazer com que os alunos observem a maneira como o poema está apresentado, notando que a disposição das letras e palavras não segue a maneira convencional.



1°



2°



3°

2. OBSERVE A MANEIRA COMO OS TEXTOS A SEGUIR ESTÃO DISPOSTOS E DEPOIS RESPONDA ÀS QUESTÕES.
3. QUAL O PROPÓSITO DO AUTOR QUANDO APRESENTA UM POEMA COM LETRAS E PALAVRAS ORGANIZADAS DE FORMA DIFERENTE DO MODO CONVENCIONAL?

Resposta pessoal.

Orientação ao professor: Espera-se que o aluno compreenda que esses poemas visuais são produções literárias, nas quais as imagens são captadas por meio da visão e imagem e texto podem compor um único elemento na obra.

B) EM QUAL DOS TRÊS TEXTOS É UTILIZADA A FORMA CONVENCIONAL DE ESCRITA E ORGANIZAÇÃO DE PALAVRAS?

No segundo texto.

C) QUAL DAS TRÊS FORMAS EM QUE O TEXTO ESTÁ APRESENTADO FACILITA SUA LEITURA?

Resposta pessoal.

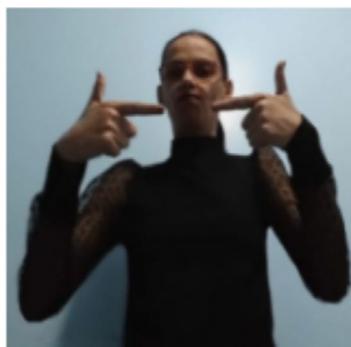
Orientação ao professor: Pretende-se que, nessa questão, o aluno surdo analise e escolha a forma que mais está próxima da sua primeira língua (Libras) e que se identifique culturalmente, visualmente e linguisticamente. A opção que se adequa a esses critérios é a terceira, na qual o texto está escrito com o alfabeto manual (datilologia em Libras).

3. IREMOS, AGORA, ANALISAR O POEMA ACIMA EM PORTUGUÊS E EM LIBRAS.

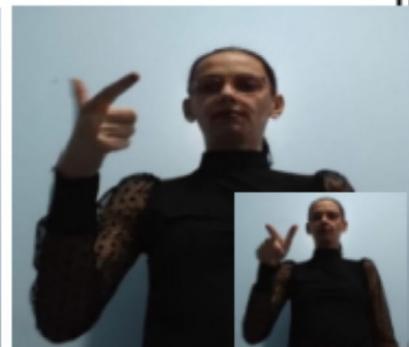
A) HOJE ESTOU SEM SORTE



HOJE



SORTE



NÃO TER

B) TUDO ME CAI DA MÃO



Tudo

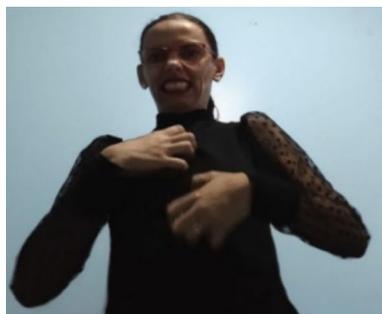


Cai (datilologia)

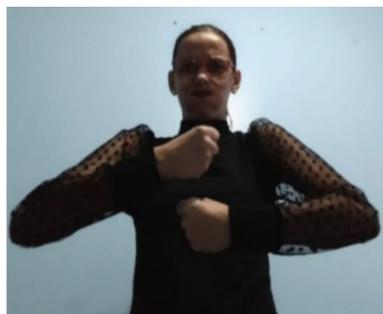
C) PARA NÃO PERDER A CABEÇA



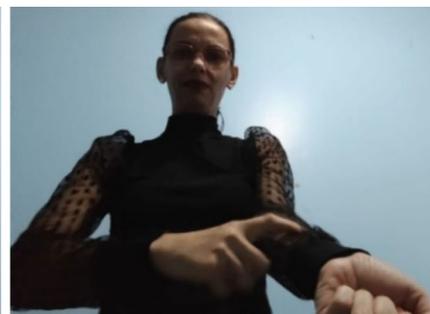
Classificador de pessoa



IRA

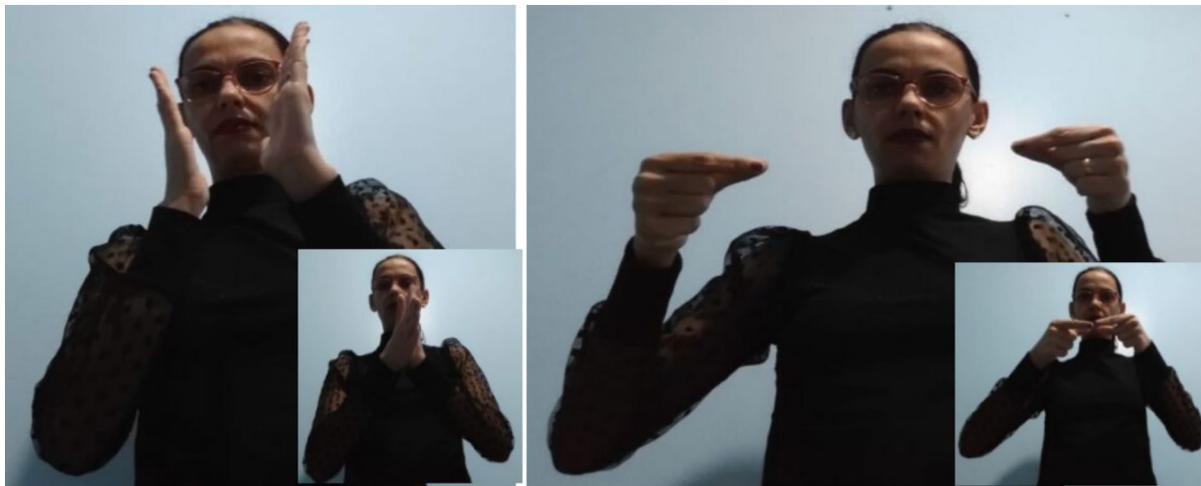


ÓDIO



NERVOSO

D) VOU FUGIR PARA O JAPÃO.



Fugir

Japão

Orientação ao professor: Nessa questão, o estudante deve analisar como estão dispostos os versos do poema escritos em Português e sinalizados em Libras. Professor(a), leve os alunos a observarem as diferenças gramaticais e linguísticas das duas línguas, de forma que compreendam que a escrita do Português do surdo está próxima da estrutura sintática da Libras, não podendo, assim, ser considerada na perspectiva do erro, mas, sim, da variação linguística.

4. OBSERVE A INTERPRETAÇÃO DO POEMA FALTA DE SORTE POR MEIO DO LINK FORNECIDO A SEGUIR.

LINK DO POEMA: <https://youtu.be/L5iXXMUDBPM>

AGORA, RESPONDA:

A) QUAIS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS HÁ ENTRE O POEMA ESCRITO EM PORTUGUÊS E SINALIZADO EM LIBRAS?

Orientação ao professor: Pretende-se, nessa questão, levar o aluno a perceber as variações linguísticas e extralinguísticas existentes na estrutura dos versos do poema escritos em Português e sinalizados em Libras.

6. PROCURE E PINTE DE VERMELHO A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA PRESENTE NO POEMA VISUAL FALTA DE SORTE, DO AUTOR SÉRGIO CAPPARELLI.

“Perder a cabeça.”

7. OBSERVE AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ABAIXO E ESCREVA O SIGNIFICADO CONOTATIVO DELAS. EM SEGUIDA, PRODUZA UM VÍDEO COM ESSAS EXPRESSÕES INTERPRETADAS EM LIBRAS (NO SENTIDO FIGURADO).

A) ENGOLIR SAPOS.

SUGESTÃO DE RESPOSTA: SUPORTAR UMA CONTRARIEDADE SEM REAGIR OU SEM DEMONSTRAR DESAGRADO.

B) DOR DE COTOVELO.

SUGESTÃO DE RESPOSTA: ESTAR EM UM ESTADO DE CIÚME OU INVEJA.

C) BATER AS BOTAS.

SUGESTÃO DE RESPOSTA: PROCURAR PROBLEMA ONDE NÃO EXISTE; PROCURAR CONFUSÃO/BRIGA.

D) PROCURAR CABELO EM OVO.

SUGESTÃO DE RESPOSTA: PROCURAR PROBLEMA ONDE NÃO EXISTE; PROCURAR CONFUSÃO/BRIGA.

E) DESCASCAR ABACAXI.

SUGESTÃO DE RESPOSTA: RESOLVER PROBLEMA OU SITUAÇÃO DE CONFLITO.

Orientação ao professor: Depois de estudar o significado das expressões idiomáticas acima, a construção do vídeo fará com que o aluno reflita acerca das variantes linguísticas e extralinguísticas presentes nas expressões em Português e em Libras.

8. VEJA AS IMAGENS ABAIXO. EM SEGUIDA, PESQUISE E ESCREVA AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS A QUE SE REFEREM.

Orientação ao professor: Essa questão propõe uma atividade na perspectiva dos letramentos multissemióticos.

A)



Segurar vela.

B)



Enfiar o pé na jaca.

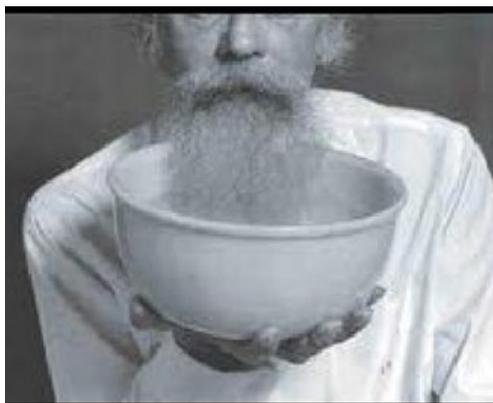
C)



Tomar chá de cadeira.

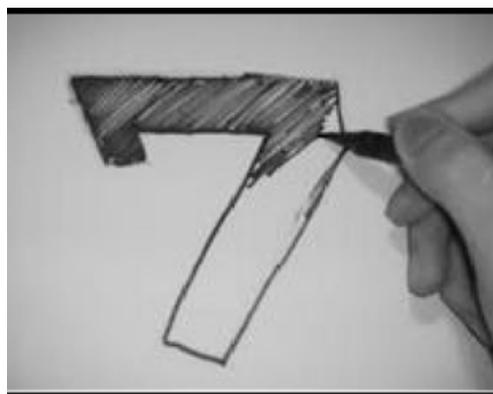


D)



Botar as barbas de molho.

E)



Pintar o sete.

f)



Passar a bola.





2

FONTE: CRÉDITOS DO GABARITO: PÁGINA NO FACEBOOK LOGO REIS.

REFLEXÕES SOBRE A PROPOSTA

Durante todo o percurso histórico educacional dos surdos, ocorreu um processo estigmatizante acerca do modelo filosófico bilíngue, que acontece por meio da aprendizagem da língua de sinais como língua materna ou L1 e do Português apenas na modalidade escrita (uma segunda língua ou L2).

Desde 1880, quando Alexandre Graham Bell demonstrou no Congresso de Milão uma “superioridade” do método de ensino oral sobre o método de ensino para surdos, que se ampara nas línguas de sinais (método combinado/comunicação total/bimodalismo), a comunidade ouvinte busca desenfreadamente desvalorizar a cultura surda e a aprendizagem dos surdos. Mesmo depois de William

Stokoe (1960 como citado em Faria, 2011) provar que as línguas de sinais têm uma estrutura gramatical totalmente diferente da das línguas orais, o que ocasionou o surgimento do bilinguismo, a imposição da oralização para o surdo permaneceu muito enraizada em nossa sociedade. Gesser (2009, p. 50) afirma o seguinte sobre a proibição do uso das línguas de sinais, consequência do Congresso de Milão: “[...] Essa história dos surdos é narrada em muitos capítulos, e todos os surdos têm um fato triste para relatar. Ela traz resquícios muito vivos dos traumas que alguns surdos viveram em tempos em que a língua de sinais foi violentamente banida e proibida”.

Buscou-se, então, nessa proposta, trabalhar e entender o ensino de Português escrito para surdos numa perspectiva que compreendesse que o texto escrito do surdo se ampara em sua L1, que é a Libras. A Sociolinguística nos remete a conceitos importantes que analisam as atividades propostas não numa perspectiva de erro, mas, sim, de uma proposta variacionista, que leva em consideração as diferenças linguísticas de ambas as línguas (Libras e Português). Portanto, por meio da variação diamésica, buscou-se trabalhar com os alunos surdos as diferenças linguísticas entre o Português escrito e a Libras, desmistificando o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita do texto surdo estigmatizada.

Nessa perspectiva, propõe-se, na questão um, a leitura (em Português) do poema **Falta de Sorte**, presente na seção **Poemas Visuais** da obra **111 Poemas para Crianças**, do autor Sérgio Capparelli (2019, p. 120).

Em seguida, na questão dois, é apresentado o texto do poema escrito de três formas diferentes, em que os alunos, na questão A, têm que compreender que esses poemas visuais são produções literárias, nas quais as imagens são captadas por meio da visão e imagens e textos podem compor um único elemento na obra. Já na questão B, os alunos precisam apontar em qual das três formas o texto está descrito de modo convencional. Na letra C, o aluno tem que apontar em qual das opções o texto está de fácil leitura, esperando-se que seja escolhido o terceiro texto, que traz um elemento presente na língua natural dos surdos, a datilologia, sistema de representação simbólico e icônico do alfabeto manual em Libras.

Na questão três, propõe-se ao estudante uma análise entre o Português (escrito) e o que está sinalizado em Libras em cada verso do poema supracitado acima (por meio dos prints da sinalização), de maneira que o estudante perceba e compare as diferenças linguísticas entre os elementos estruturantes e gramaticais em cada sentença, seja ela visual seja escrita em Português. Nesse momento, cabe ao professor também visualizar e compreender que a escrita do Português do surdo está próxima da estrutura sintática da Libras, não podendo, assim, ser considerada na perspectiva do erro, mas, sim, da variação linguística.

A questão quatro vem reafirmar ainda mais essas diferenças linguísticas, quando é proposto o link do vídeo do poema sinalizado em Libras. Essas variações, já apresentadas ao estudante na questão três, são reforçadas ao utilizar elementos gramaticais da língua de sinais, como: classificadores (que, na Libras, são marcadores de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa) e datilologia (que, na Libras, é ação de soletrar alguma palavra dispondo do alfabeto manual. Esse recurso geralmente é utilizado na sinalização de substantivos próprios, para os quais ainda não se tem ou não se sabe o sinal definido pela comunidade surda), fazendo-se substituições linguísticas para uma interpretação mais rica em significados. Finalizando a questão, há duas perguntas. Na primeira, o estudante é levado a refletir um pouco mais sobre a variação diamésica que ocorre entre a escrita e a fala (nesse caso, entre a escrita e a linguagem gestual-visual).

Portanto, o docente que pretende trabalhar essa sequência de atividades com estudantes surdos precisa:

[...] Entender toda a complexidade do aluno surdo, de viver em um país que tem uma língua oficial que não é a sua materna, sofrer preconceitos linguísticos por não conseguir atingir a escrita culta. Compreender que isso é a realidade da imensa maioria dos surdos brasileiros, por não terem acesso a livros didáticos, que também seguem a norma de uma gramática tradicional. Aceitar a escrita surda como uma modalidade de variedade linguística, respeitando o seu processo histórico, social e, respeitando assim o modo de viver da comunidade surda (Silva, 2019, p. 11).

Constata-se, assim, que, na nossa sociedade, as variações linguísticas podem ser fontes de estigmatização, exclusão e, conseqüentemente, perpetuação do poder de uma parcela da sociedade. Por essa razão, as variações linguísticas estão intimamente interligadas a uma forma de domínio e opressão de variantes próximas da norma culta sobre variantes mais populares ou menos prestigiadas.

Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (Bagno, 2006, p. 75).

A última pergunta da questão quatro questiona o estudante acerca do significado real de uma expressão presente no poema: “Perder a cabeça”. A partir desse ponto, a sequência começa a tratar a perspectiva da Sociolinguística variacionista diastrática, dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões e que se referem a grupos sociais intimamente ligados a questões relativas à faixa etária, à profissão, ao estrato social, entre outros fatores extralinguísticos.

As expressões idiomáticas são frases populares presentes nos mais variados contextos de fala (*parole*). Essas expressões não podem ser identificadas ou entendidas pelo seu sentido literal. Dessa forma, são expressões que não podem também ser traduzidas de maneira denotativa para outras línguas. São originadas das gírias, estabelecidas nas relações e interações (culturais, profissionais, sociais, etc.) entre grupos de pessoas [grifo meu].

O parágrafo acima compõe a questão cinco, na qual é apresentado esse trecho sobre o conceito das expressões idiomáticas, primeiramente numa proposta visual, em que buscamos facilitar a leitura do aluno surdo utilizando a fonte “Libras 2020” para tornar o texto visual e, conseqüentemente, mais atrativo. Depois, o texto aparece escrito em Língua Portuguesa, de forma a consolidar o conceito de **expressão idiomática**, para que o estudante possa realizar um comparativo com sua tradução anterior, visualizando as diferenças linguísticas, e não apenas os paradigmas “certo” ou “errado” em sua tradução. Pois,

O estigma sobre as variedades de língua das populações pobres, excluídas do universo superior do letramento, atua de forma decisiva na construção de uma cosmovisão estratificada e rigidamente hierarquizada, naturalizando as relações de dominação política e de exploração econômica. Dessa forma, os fatores sociais atuam como um



importante mecanismo de reforço e sedimentação dos mitos, estereótipos, dogmas e preconceitos que plasmam a visão hegemônica de língua na sociedade [...] (Lucchesi, 2015, p. 09).

Na questão seis, depois que o estudante já sabe o conceito de **expressões idiomáticas**, como uma forma de autoafirmar esse conceito, propõe-se procurar e pintar uma dessas expressões presentes no poema.

Em sequência, na questão sete, o estudante deve ler as expressões escritas em Língua Portuguesa e escrevê-las no sentido conotativo, de forma a facilitar o processo de tradução e, posteriormente, interpretação dessas expressões para o vídeo que será produzido em Libras.

Nesse contexto, o surdo é levado a analisar, por meio dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos, as diferenças presentes nas expressões tanto em Português como em Libras, reconhecendo, assim, que:

O caráter heterogêneo do sistema linguístico é produto, portanto, de duas ou mais formas em variação – duas ou mais variantes – que se alternam de acordo com condicionadores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) que motivam ou restringem a variação [...] (Coelho, 2010, p. 47).

Sendo assim, segundo Rojo (2009, p. 105), “Os novos estudos do letramento têm se voltado para os letramentos locais ou vernaculares de maneira a dar conta da heterogeneidade das práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas [...]”.

Nesse sentido, nas questões oito e nove, propõe-se aos discentes uma proposta de letramento multissemiótico, em que, por meio da imagem de algumas expressões idiomáticas, os alunos têm que pesquisar e escrever o que está disposto nas imagens em seu real significado. Em seguida, precisam construir um vídeo com as expressões em seu sentido literal, tendo como propósito levar os alunos a discutir e refletir sobre o processo de tradução e interpretação dessas expressões, que não podem ser sinalizadas em Libras em seu sentido denotativo, para que não ocorra uma tradução equivocada, descontextualizada, sem sentido ou sem significado.

Por fim, a questão dez tem como objetivo proporcionar ao surdo, por meio de uma prática de leitura de imagem pautada no letramento visual, o conhecimento dessas expressões populares, analisando e identificando as heterogeneidades linguísticas e socioculturais entre ambas as línguas trabalhadas (Português e Libras) dentro de um contexto visual.

Portanto, essa proposta tem o intuito de desmistificar os preconceitos linguísticos com relação à escrita de Língua Portuguesa por surdos, promovendo um trabalho que incentive o ensino de Português dentro de uma perspectiva variacionista, no qual seja possível visualizar e compreender as diferenças nas estruturas sintáticas entre a Libras e o Português na modalidade escrita (por estudantes surdos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou uma proposta didática que indicou caminhos para que docentes compreendessem o processo de escrita de Português dos surdos, numa perspectiva em que visualizassem que o texto escrito do aluno surdo está próximo aos aspectos gramaticais de sua L1, que é a Libras. Portanto, ao realizar uma produção escrita, esse aluno irá se amparar em aspectos sintáticos da sua língua materna. Dessa forma, essa escrita deve ser analisada não na perspectiva de “erro”, mas, sim, de variação linguística.

Nesse contexto, a Sociolinguística nos remete a conceitos importantes que analisam as atividades propostas não numa perspectiva de erro, mas, sim, de uma proposta variacionista, que leva em consideração as diferenças linguísticas de ambas as línguas (Libras e Português). Dessa forma, as atividades apresentadas buscaram trabalhar com dois tipos de variação: a **diastrática**, dispondo de recursos expressivos da fala que são originados das gírias ou jargões e que se referem a grupos sociais intimamente ligados a questões relativas à faixa etária, à profissão, ao estrato social, entre outros fatores extralinguísticos, e a **diamésica**, em que se buscou trabalhar com os alunos surdos as diferenças linguísticas entre o Português escrito e a Libras, numa proposta metodológica que pretendeu indicar alternativas para que se desenvolva um trabalho que desmistifique o preconceito linguístico, que, na maioria das vezes, torna a escrita do texto surdo estigmatizada.

REFERÊNCIAS

- Bagno, M. (2006). *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola.
- Caparelli, S. (2019). *111 Poemas para crianças*. (28ª ed.). L&PM.
- Coelho, I. L., Görski, E. M., May, G. H. & Souza, C. M. N. (2010). *Sociolinguística*. LLV/CCE/UFSC.
- Etto, R. M. & Carlos, V. G. (2017). Sociolinguística: o papel do social na língua. *Mosaico*, 16(1), 719-737.
- Faria, E. M. B & Donato, A. D. I. (2011). *Libras*. EdUEPB.
- Gesser, A. (2009). *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. Parábola Editorial.
- Lucchesi, D. (2015). *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. Contexto.
- Rojo, R. (2009). *Letramentos múltiplos escola e inclusão social*. Parábola Editorial.
- Silva, R. A. C. (2019). Compreendendo a escrita surda na perspectiva da sociolinguística. *Revista virtual de cultura surda*, (26ª ed.), 01-15.